

## RINITE ATRÓFICA DOS SUÍNOS: ALTERNATIVAS DE CONTROLE

José Renaldi Feitosa Brito<sup>1</sup>  
Maria Aparecida V. P. Brito<sup>2</sup>

### Introdução

A rinite atrófica (RA), uma enfermidade do trato respiratório superior dos suínos, é encontrada em muitos rebanhos, provavelmente em todas as regiões do mundo.

A bactéria *Bordetella bronchiseptica* é o único agente conhecido capaz de causar atrofia dos cornetos que é transmissível pelo contato de animal a animal. A severidade da lesão varia de acordo com muitos fatores, sendo talvez o mais importante a idade em que o animal é infectado. Após três semanas de vida os tecidos nasais do leitão tornam-se gradualmente mais resistentes à destruição.

Irritantes químicos como amônia e gás sulfídrico e a infecção secundária por *Pasteurella multocida* são considerados como intensificadores da lesão primária produzida por *Bordetella bronchiseptica*.

No Brasil, a RA foi diagnosticada clinicamente em 1963, no Rio Grande do Sul, e nos últimos anos a sua presença tem sido constatada em numerosos rebanhos nos estados da Região Sul do País.

A prevalência da RA em granjas de suínos do Estado de Santa Catarina está sendo estudada como parte do trabalho que a EMBRAPA–CNPSu vem conduzindo sobre esta doença.

### Resultado de pesquisa

Os dados analisados até o momento, englobando 59 granjas (aproximadamente 40% do total estudado), permitiram classificá-las em quatro grupos. No grupo A (livres de RA) foram localizadas 18,6% das granjas. No grupo B (ausência de sintomas clínicos e presença de *B. bronchiseptica*) foi dividido em dois subgrupos com alto e baixo grau de infecção (1,7% e 3,4%) das granjas, respectivamente. No grupo C (doença clínica com isolamento de *B. bronchiseptica*) foram classificadas 51% das granjas, e destas, 17% realizavam tratamento específico à base de sulfamídicos contra RA. No grupo D (sintomas clínicos evidentes, sem isolamento de *B. bronchiseptica*) existiam 25,3% sendo que 15% delas estavam realizando tratamento.

<sup>1</sup>Méd. Vet., M. Sc., EMBRAPA–CNPSu

<sup>2</sup>Bioquím., M. Sc., EMBRAPA–CNPSu

O resultado dos testes de sensibilidade a antimicrobianos conduzidos com *B. bronchiseptica* isoladas do rebanho suíno do Estado de Santa Catarina, mostra que o percentual de amostras resistentes a sulfonamidas vem aumentando consideravelmente. Em 1977 observou-se que os 3,38% das amostras eram resistentes; em 1978, 27,27% e em 1979 (dados até o mês de outubro) 41,74%.

O aumento de número de amostras foi igualmente observado para trimethoprim × sulfametoxazol, 1,69% – 18,18% e 37,64% – e novobiocina, 10,16% – 18,18% e 41,05% respectivamente em três anos.

Outras drogas testadas foram: estreptomicina, penicilina, oleandomicina, lincomicina e ampicilina (a maioria das amostras foi resistente nos três anos de observação); tetraciclina, neomicina, cloranfenicol, kanamicina, gentamicina e colimicina (maioria sensível); e cefalotina e eritromicina (variação entre 4% e 60% de amostras resistentes).

## Recomendações para o Controle da Rinite Atrófica

As medidas sugeridas para o controle da RA variam desde a recomendação de se eliminar todo o rebanho e fazer a repopulação com animais reconhecidamente livres da doença, a medidas menos drásticas como a eliminação de animais doentes, ou quimioterapia.

Os compostos da classe das sulfonamidas tem sido a escolha terapêutica para o combate à RA. Todavia está se observando uma presença crescente de amostras de *B. bronchiseptica* resistentes a estas drogas. Além disso, o isolamento desta bactéria de rebanhos submetidos a tratamento podem estar indicando a incorreta utilização da droga, uma vez que nem sempre as amostras isoladas mostraram-se resistentes nos testes realizados “in vitro”.

Há diversos esquemas de manejo e de tratamento que podem ser usados para reduzir a incidência e severidade dos efeitos da rinite atrófica nos rebanhos suínos. Eles incluem:

1. Manter, na medida do possível e enquanto for econômico, um alto percentual de porcas velhas no plantel. Quanto mais velho o animal, maior é a probabilidade dele ter se recuperado da infecção nasal.
2. Evitar a introdução de animais em um mesmo lote, em épocas diferentes, especialmente na maternidade e na creche. Usar, sempre que possível, o sistema “tudo dentro, tudo fora” (all in, all out). A infecção dos leitões jovens pode ocorrer pelo contato com os mais velhos.
3. Reduzir o nível de irritantes atmosféricos (gases como amônia e gás sulfídrico, poeira) especialmente na maternidade e nas salas de creche e crescimento/terminação. Para isto é necessário que as construções sejam dimensionadas adequadamente e que a ventilação e o esquema de limpeza sejam corretos.
4. Selecionar cuidadosamente os animais destinados à reposição do plantel. Evitar introduzir animais originários de granjas com histórico de RA e/ou pneumonia.
5. Os animais que apresentarem sintomas devem ser enviados ao matadouro.
6. Diagnosticar corretamente a doença. O estado do rebanho pode ser avaliado, associando-se aos exames clínicos, o exame dos cornetos (ao nível de 2º e 3º dentes pré-molares, no matadouro).
7. Manter animais domésticos (cães, gatos, aves) e roedores longe das áreas de criação de suínos. Há evidências de que amostras de *B. bronchiseptica* isoladas de outras espécies de

animais podem infectar suínos e, após algum tempo, causar atrofia dos cornetos.

8. Realizar o tratamento do plantel e leitões com sulfonamidas. O tratamento é indicado quando os antibiogramas, conduzidos com amostras de *B. bronchiseptica* isoladas do rebanho, indicarem sensibilidade. Estas drogas devem ser retiradas 15 dias antes dos animais serem enviados ao abate. Evitar contaminar a ração utilizada neste período com os resíduos da droga.

9. Administrar uma vacina potente, quando disponível, às porcas, antes do parto (duas doses, aos 60 e 100 dias de gestação) e aos leitões, aos sete e 28 dias de idade.

Estas são medidas gerais que deverão ser ajustadas a cada caso de acordo com a situação da granja-problema. Finalmente, deve-se enfatizar que estes cuidados não fornecerão resultados se não se observar:

- normas higiênico-sanitárias no manejo da criação.
- administração correta da alimentação.
- assistência ao parto e cuidados com o recém-nascido.